

Encerramento do Seminário sobre Herança e Futuro da Construção do Desenvolvimento no Brasil

Instituto Sérgio Motta

São Paulo (SP), 29 de Novembro de 2004.

Muito bem! Pelo adiantado da hora, cabe fazer poucas observações. Mas, enfim, aproveitando as generosas idéias que nos foram apresentadas, quem sabe, caiba pontuar um pouco as questões e os desafios que temos pela frente.

Em primeiro lugar, eu queria reafirmar o que sempre pensei: começa-se a ganhar ou perder quando se tem a capacidade, ou se deixa de ter, de propor idéias que sejam aceitas pela sociedade. Depois, é preciso fazer as alianças necessárias para a absorção dessas idéias pelas estruturas partidárias e, depois, se vai à eleição. Mas a eleição vem como consequência, ou melhor, o resultado da eleição é uma consequência. Eu concordo com o que disse o Deputado Aleluia. Nós começamos a perder a eleição de 2002 quando começamos a desfazer as nossas alianças. Não vou entrar em detalhes, mas eu tinha plena consciência disso na época. Houve um momento em que, por razões de dinâmica partidária, não era mais possível manter o esquema que estava montado. Isso teve consequências. Mas é preciso que se tenha, em primeiro lugar, uma certa visão do que fazer. Se não se tiver a visão e se essa visão não for compatível com as possibilidades e com os anseios da sociedade, nada a fazer. Nesta manhã, se delineou uma visão, e se delineou não porque os membros da mesa tenhamos a capacidade excelsa de produzir idéias e visões, mas porque ela vem vindo, ela vai se formando, vai pouco a pouco aparecendo.

Eu concordo com o que se disse a respeito desses últimos anos, como anos importantes - e o Luiz Carlos disse que era meu terceiro mandato! Não. Em certas áreas que ele citou, talvez. Mas, mesmo que fosse o terceiro mandato, que seja o último! Que seja o último. Se esses quatro anos virarem oito, como ficaremos? Essa é a nossa responsabilidade. A nossa responsabilidade é definir politicamente objetivos, dentro de uma filosofia ou, para sermos menos pretensiosos, dentro de uma visão compartilhada com o que a sociedade quer, para que seja possível mover as forças sociais e as forças políticas. Aprendemos, como o Beto Mendonça mostrou amplamente ao ressaltar as transformações ocorridas, as dificuldades e as possibilidades de avançarmos como uma nação democrática e que se desenvolve econômica e socialmente.

Para simplificar: foi preciso passar pelas experiências do PT para descobrir duas coisas, pelo menos. Primeiro, que eles não têm proposta alguma, diferente da proposta que estava em marcha no País.

Nenhuma! Zero! Segundo que, ao reafirmar algumas linhas fundamentais do que se estava fazendo, deve-se arquivar outras tantas linhas que no passado motivaram a imaginação de muitos setores políticos, sociais, econômicos do pensamento brasileiro. Ou seja, não dá mais para pensar o futuro do Brasil como seu passado. Não dá mais para ficar sonhando com os gloriosos anos 50, 60 e 70 porque eles foram 50, 60 e 70 e nós estamos no século 21. Isso não quer dizer, como bem descreveu o Beto, que o que se começou a construir a partir dos anos 90 não precise ser modificado, aperfeiçoado, mudado. Não, não é isso. Mas o que não cabe é a tentativa de voltar atrás. Não dá mais para imaginar que o Brasil todo se concentre na idéia de que o Estado é o centro da acumulação de capitais e que só através dele é possível retomar a capacidade de investir; nem de que surgiu de repente uma burocracia competente, pior ainda, um partido também competente para tomar conta dessa burocracia.

O Brasil vai avançar por muitas razões. Mas não pode voltar atrás, mesmo porque, queiramos ou não, ainda sofremos as conseqüências da crise fiscal do Estado. Ou seja, o Estado não tem recursos, como teve nos anos 50, 60 e 70 para fazer os investimentos necessários. Mas não é só por isso: a sociedade civil cresceu muito e, com ela, cresceu o mercado. Isso não quer dizer que o Estado não tenha um papel a desempenhar. Nem que o mercado deva substituir o Estado, porque isso é impossível. O Estado tem um papel importante a desempenhar, até mesmo em investimento, como já se disse aqui. Há certos investimentos que são, fundamentalmente, função do Estado. A educação, por exemplo, é fundamentalmente um investimento público. A infra-estrutura, em várias áreas, depende do investimento público. Mas o dinamismo hoje é dado de outra maneira, e o André Urani mostrou, no final de sua exposição, como o modelo com o qual ele sonha está baseado em uma série de parcerias entre o governo e a sociedade civil.

Não obstante, a idéia do Estado promotor de tudo continua, equivocadamente, como uma idéia-força no Brasil. É constante a idéia de que falta mais ação estatal. Nós fizemos, em meu governo, um grande esforço para descentralizar as decisões e a implementação das políticas públicas e de buscar parcerias. A linha do governo atual é outra, de recentralização. Como se essa fosse a melhor maneira de atender ao bem-estar da população. Nós, por outro lado, deixamos de fazer a crítica das conseqüências do modelo de desenvolvimento baseado na substituição de importações com fortes investimentos públicos na indústria - que era necessário e que eu apoiei no passado -, mas que teve conseqüências concentradoras de renda. Se nós quisermos um modelo desconcentrador de renda, temos que buscar outros caminhos. Não podemos voltar ao modelo varguista. Eu não gosto de qualificar dessa maneira porque pensam que eu sou contra Getúlio. Eu não sou contra! Minha família foi getulista, vários ministros do Getúlio são meus tios ou primos, e eu votei nele várias vezes. Mas era outra época.

Hoje, nós temos um desafio diferente, e o PSDB, se não foi o único partido inovador, nasceu com novas idéias. Aqui foi citado um autor, um economista Prêmio Nobel que eu prezo muito, Amartya Sen, que participou indiretamente da fundação do PSDB. Os peessedebistas talvez nem saibam, mas nós fizemos um seminário em Paris, alguns dos aqui presentes estiveram lá, e nele o Amartya Sen discutiu conosco as linhas programáticas do novo partido, na busca de tempos novos. Pois bem, o que temos pela frente agora não é a retomada das idéias daqueles anos. Os tempos vão mudando e as dificuldades também. Temos

que apresentar novas idéias seminais. Algumas foram expostas aqui, pelos oradores que me antecederam.

Na área econômica (e eu não preciso repetir o que o Beto Mendonça disse), as tarefas são imensas. Na área social e política há dificuldades maiores ainda. Uma das áreas mencionadas pelo Beto foi, precisamente, a reforma tributária. A outra, é a reforma da Previdência. Continuam aí! Como fazê-las sem uma reforma política? Como fazê-las antes da reforma política? Acaso não haverá o mesmo bloqueio que houve no meu governo? Não é o que está ocorrendo, como o André Urani mencionou, ao mostrar a tentativa de transferir renda de um setor da sociedade para outro? Por quê? Porque as idéias são vistas pela sociedade sob a forma de ideologia; aparecem invertidas quanto a seu sentido real. Você faz um movimento em favor da distribuição de renda, ele aparece, imediatamente, através da voz dos que são privilegiados, como se fosse contra a distribuição de renda. E isso passa pela mídia, que só é modificada quando nós estamos convencidos e lutamos. A primeira batalha é, portanto, ideológica.

Nós perdemos a batalha ideológica a partir de um certo momento na história recente. Nós perdemos para o PT. Ficávamos assustados com qualquer grito do PT. Isso paralisava a capacidade de sustentação do nosso governo. As pessoas, isto é, os parlamentares, votavam a favor, mas não iam para a tribuna defender as teses. Não todos, obviamente, sempre há os convictos. Quantas vezes eu disse: "não adianta ganhar no painel de votação; isso é bom para mim, que sou Presidente. Vocês que são deputados ou senadores, depois, vão perder as eleições". Porque nós perdemos a batalha ideológica diante de um inimigo que era um tigre de papel! Um tigre de papel! Nós ficamos com medo de um tigre de papel. Nós não podemos continuar com esse medo. É preciso dizer claramente: o rei está nu! O rei está nu! Porque, se nós não dissermos isso, a população não vai entender. Não vai entender que há em marcha, sim, um projeto hegemônico de nossos adversários, como o deputado Aleluia mostrou. Foi muito bom que as eleições municipais tivessem o resultado que tiveram para impedir a concentração do poder em um só grupo, como se fosse a antecipação da reeleição.

A tal ponto existe uma pretensão hegemônica que, ao dizer, como disse outro dia, que ninguém é reelegível de forma absoluta, parece que fiz uma ofensa, tal a reação. Não fiz ofensa alguma. Apenas toquei no âmago do que querem os que me criticaram, o poder indisputado. Querem um modelo impossível, que não vai ser posto em prática porque a sociedade brasileira é mais dispersa do que foi no passado, mais fragmentada, tem interesses contraditórios. Não haverá um sistema dominante ou hegemônico, e a eleição municipal mostrou muito bem isso. Mas a vitória nas eleições municipais não assegura a vitória em 2006. A vitória em 2006 tem que começar por ser uma vitória da convicção. Partido sem convicção é partido inútil. Tem que ter convicção. E quando eu falo partido não me refiro ao meu, me refiro ao conjunto dos partidos. Nós temos que voltar a ter convicção.

Convicção do quê? De que é preciso continuar a aprofundar algumas reformas. Não temer. Quantas vezes, para paralisar nossas políticas e as reformas, disseram que nós estávamos sucateando a indústria? Quantas vezes disseram que nós íamos esmagar o capital nacional? Quantas vezes disseram que não havia melhorias em nossa situação social? Tudo ao contrário do que estava ocorrendo e do que, como consequência das mudanças que fizemos, continua a ocorrer. Não podemos deixar agora que aconteça o

contrário, que outros se apropriem das mudanças que nós fizemos. Não há inovação em quase nada no governo atual. Não se deve deixar prevalecer a idéia repetida de que "tudo é novo". Nós todos sabemos o que fazer, grosso modo, para dar continuidade ao que desejamos: manter a democracia. Manter a democracia é fortalecer os partidos. É fortalecer essa pluralidade que é necessária, que é mesmo essencial, na vida moderna.

Nós todos sabemos que se quisermos avançar na direção da inserção internacional competitiva de nossa economia, se nós quisermos aprofundar essa inserção, como disse o Beto, é preciso ampliar muito a educação. E não é só a educação em geral, mas, especificamente, aumentar o conteúdo científico e tecnológico. É preciso ampliar nossa capacidade efetiva de passar da educação puramente acadêmica para a tecnológica. Nós avançamos na agricultura porque na agricultura fizemos isso. Nós precisamos fazer a mesma coisa, se pudermos, em alguns outros setores. O grande diferencial da sociedade americana frente às outras sociedades do mundo é que os Estados Unidos dispõem de uma universidade rara e única. Rara e única em que sentido? Porque lá a Universidade é, realmente, um viveiro de idéias, de inovação. E esse viveiro de inovação não funciona no isolamento. Ele é tão forte, tão consciente do seu poder, que não teme entrar em relação com o governo, não tem medo de ser cooptado; nem teme relacionar-se com as empresas, porque não tem medo de ser comprado. Enquanto nós tivermos fragilidades que nos impedem de fortalecer as universidades e de ver nelas viveiros de inovação, sem transformar esses viveiros em parques zoológicos, mas sim em instrumentos efetivos de comunicação com a sociedade, nós corremos riscos de competitividade. Corremos riscos de não sermos capazes de tirar todo o proveito que podemos das Universidades. Esta questão é fundamental. Como é fundamental levar adiante as outras transformações que foram mencionadas.

Como é fundamental fazer uma revisão do que nós desejamos e do que nós entendemos por desenvolvimento. As idéias do Amartya Sen, idéias correntes hoje no mundo todo, mostram claramente que crescimento do PIB é importante, mas não é suficiente. E em uma situação como a brasileira, se nós quisermos ter força para ocupar outra vez o centro da cena política, temos que enfatizar alguma coisa extremamente difícil, que é equidade, que é igualdade! É difícil conseguir. Talvez não se consiga nunca, mas é necessário voltar a essa idéia. E a igualdade não é função do crescimento do PIB, depende da forma do crescimento e da existência de políticas públicas eficientes, competentes e capazes. Políticas públicas que não se fazem no isolamento das burocracias, mas no dia-a-dia da convivência com a sociedade, através de parcerias, através de múltiplas formas de ação. Se nós não formos capazes de entender que tudo o que foi dito aqui a respeito do progresso que o Brasil vem exibindo, uma transformação extraordinária e incessante, não é fruto de um governo, mas vem de longe, não aprenderemos como se transforma um país.

Esse progresso concentrou também problemas em certas áreas, sobretudo, nas regiões metropolitanas. A questão metropolitana hoje é central, sem ela nós não vamos entender nosso futuro. Houve época em que era preciso prestar atenção na questão do campo. Hoje se deslocou o eixo: a questão metropolitana veio para o centro da cena. Então, o partido, ou os partidos, que quiserem ter vez e voz no Brasil têm que prestar atenção às questões metropolitanas, à frente das quais a questão da segurança. Essas questões não se

resolvem, simplesmente, com o aumento do gasto público, com investimento público. Se não houver um modelo de gestão e se não houver um modelo de relação entre o Estado e a sociedade afim com a vontade de participação, que é crescente no Brasil, nada se resolverá.

Hoje temos presentes nesta sala pessoas de vários partidos, sobretudo do PSDB, que são afins com essas idéias. É preciso proclamá-las. Eu não quero falar demais, desejo apenas mostrar um último ponto: tudo isso são pré-condições. Como disse, nós precisamos ter convencimento e temos que falar com a sociedade. Entretanto, não podemos esquecer a disputa política. Política significa o seguinte: você tem um adversário. Não há política, simplesmente, quando você está de um lado, mas está em casa. Você tem um adversário e luta contra ele. É preciso entender isso. Nós ainda usamos luvas de pelica, eu mesmo, para fazer qualquer crítica. Por quê? Alguém usou luva de pelica para me criticar? Leiam nos jornais da época, leiam nos jornais! Vejam bem as críticas que fizemos hoje aqui e comparem com o que diziam na minha época. Quantas infâmias, para dizer o mínimo. Nós não queremos fazer infâmias, não devemos. Mas não precisamos ter luvas de pelica, pois esse governo é incompetente. Competência igual a zero. A competência deve ser mostrada na análise de um conjunto de ações e de seus resultados. Vejam o que está acontecendo, digam, comparem, mostrem, a verdade. Quem sabe assim o governo até melhore sua competência. E o governo só não deixa transparecer mais a incompetência porque o presidente Lula é competente em falar com a população. Mérito dele, mérito dele! Ele é competente. E isso, de alguma maneira, embaça a percepção de quanta coisa não anda. Não é possível que não se diga isso.

Eu sei que na Câmara se diz isso, no Senado se diz isso, os nossos líderes dizem isso dia e noite. Mas o que eu estou sublinhando é que nós precisamos mais gente dizer e usar um instrumento fundamental nesses momentos, que é a palavra, a pena e a voz. Isso é fundamental nesse momento. Sem cerimônias, com respeito, porque quem falta ao respeito não ganha frente à população, mas sem cerimônias, com objetividade. Se nós fizermos isso e se nós formos, pouco a pouco, mostrando o que acontece, avançaremos cristalizando os ângulos fundamentais da crítica e os ângulos fundamentais da nossa proposta. Quem está na oposição basta ter linhas gerais de proposta. Difícil é quando alguém chega ao governo e fica só nessas linhas gerais. É preciso haver a preparação para, chegando ao governo, poder governar. Mas o debate político reduz tudo a um certo número de questões e nesse número de questões nós temos que marcar muito firmemente a separação de quem está de um lado e quem está do outro. Se nós não formos capazes de traçar quem está de um lado e quem está do outro, e mostrar porque este lado é melhor que aquele, as nossas idéias podem até ficar bonitas nos comentários dos pósteros, mas não terão eficácia no que é importante, que é ajudar a continuar mudando o Brasil.

Eu tenho convicção de que há condições, com humildade, para nós vencermos. O Deputado Aleluia descreveu muito bem a difícil situação partidária do Congresso Nacional, compensada, em parte, pela situação eleitoral que nos levou à vitória em centros importantes. Situação eleitoral, entretanto, não é uma situação definitiva. Eu sempre disse: "ninguém tem milhões de votos. Teve, no dia, tal e qual". Não se pode dormir sobre os louros. É preciso buscar permanentemente afinidades com o sentimento da sociedade. Também digo com muita clareza que não se trata de buscar passivamente afinidade com o sentimento da sociedade, mas fazer com que esse sentimento seja afim com nossas idéias. Porque, senão, bastaria fazer

pesquisa de opinião para repetir nos discursos a opinião média. Mas assim nunca se mudam as opiniões. Nós temos obrigação é de mudar e, para mudar, temos que ter posições abertas, que vão ser criticadas. Devemos, quando for o caso, rever nossas posições. Mas temos que ter posições que levem a sociedade a reagir para ver se nossas posições se tornam aceitas.

Um último comentário - eu disse que o anterior era o último, há mais um ainda - que é o seguinte: Beto Mendonça mencionou no começo a questão da situação mundial, da situação global. Não dá mais para pensar mais nada hoje em dia sem pensar o conjunto, sem pensar o conjunto! E entre nossas muitas indecisões, ficamos um tanto oscilantes entre um esplendido isolamento e a busca de um milagre que mude tudo para melhor, independentemente dos outros - "ah, eu vou votar em fulano, ele vai mudar tudo". Depois, se nada muda, nos retraímos, ficamos isolados. Nós ainda não tomamos algumas decisões fundamentais como nação - não é só o governo, mas vale para o governo também - sobre nossa presença no mundo. Não sabemos se queremos sequer o Mercosul, quanto mais a ALCA, ou a relação com a Comunidade Européia, ou com a China. Tudo isso aparece no debate de forma muito superficial. Qual vai ser o peso do Brasil no mundo futuro e como é que nós estamos nos preparando para isso? Qual é o nosso lado? Temos lado?

Existe, hoje, o perigo de um novo ilusionismo, como já foi dito antes de mim. Há muita agitação e nenhum resultado ao redor de idéias como as que eu critiquei e que prevaleciam nos anos 50, 60 e 70. Como se fosse possível o Brasil capitanear o velho G-77. Como se isso fosse possível! Ou como se a China ou a Índia estivessem dispostas a uma aliança conosco. Pode ser que sim no plano comercial. Fora disso, para lutar contra quem? Contra os Estados Unidos? Quem sabe a China, daqui a 50 anos? Melhor seria fazermos como os chineses, que têm objetivos claros e que sabem que para terem peso no mundo dependem, em primeiro lugar, de uma profunda reformulação da própria China. Esse é o nosso caso também. Nós precisamos, primeiro, fortalecer aqui dentro as nossas possibilidades. Mas só as fortaleceremos se tivermos clareza quanto ao rumo do mundo e quanto a nossas opções estratégicas. Opções estratégicas não produzem efeitos imediatos. Levam anos para que seus efeitos sejam visíveis. Darei um só exemplo: a Argentina tomou várias opções de estratégias equivocadas no decorrer do século 20. O que está acontecendo hoje com a Argentina vem de anos. Vem do momento em que ela não entendeu que o eixo do mundo tinha mudado da Inglaterra para os Estados Unidos. Vem do momento em que não entendeu que tinha que tomar uma posição clara na Segunda Guerra mundial. Vem de vários momentos assim, cujas conseqüências foram se acumulando.

Nós, como país, temos que ter muita clareza sobre nossos objetivos de longo prazo. Não estou propondo nada, estou dizendo apenas que nós ainda não temos clareza sobre qual vai ser nosso papel no mundo futuro, balizando nossos desejos com nossas possibilidades. Se não formos capazes disso, vamos perder a parada também. Uma vez, há anos, chegou aqui um secretário do Partido Comunista italiano, alguns aqui o conhecem, chamado Giorgio Napolitano. Veio quando se discutia a questão da globalização, sem esse nome ainda. E ele disse: "olha, essa é a hora da internacionalização. A verdadeira questão não é saber se haverá ou não internacionalização. É saber se nós vamos nos internacionalizar ou eles vão nos internacionalizar". Essa é a verdadeira questão da globalização. É saber se nós vamos ser capazes de definir nosso rumo na economia global ou se ao postergar decisões vamos ser globalizados sem chances

maiores para escolhermos os destinos de nossa população. Sobre isso nossos partidos têm que tomar posição e falar.

Eu participei, como visitante, das discussões sobre Portugal e suas relações com a Europa. Eu assisti o plebiscito sobre a entrada da Espanha na OTAN. Decisões difíceis. Havia em Portugal quem achasse que Portugal devia ser a vanguarda do terceiro mundo. Era a posição, creio, do coronel Mello Antunes. E houve a posição contrária do Mário Soares, por exemplo, favorável à integração com a Europa. Nós vivemos a mesma dúvida, a mesma dúvida! E quando alguém diz "nós podemos nos integrar à economia mundial, temos condições, podemos competir, nossa indústria agüenta", outro diz "não, vamos voltar para trás, melhor fechar mais o mercado, vamos aumentar barreiras alfandegárias, vamos não sei o quê". Queremos o esplêndido isolamento. Nós, como partido, não devemos ser uma força a favor do esplêndido isolamento. Nós devemos ser a favor de uma integração competitiva, para deixar claro, soberana, ou seja, escolhida por nós.

Termino dizendo como Amartya Sen: "só se tem liberdade quando se tem escolha. E só se pode escolher quando se tem informação". Hoje nós dispomos de informação. Temos escolhas possíveis, temos que usar nossa liberdade para fazer as escolhas e não temer a escolha que fizermos. A nossa escolha como partido está clara: é de resistência a qualquer forma de deturpação da democracia. É de fortalecimento dos partidos. É de avanço social com competência, boa gestão e participação da sociedade no processo. É de descentralização e de continuidade nas transformações macroeconômicas e é, sobretudo, de continuidade de reformas que só terão êxito se ganharmos a sociedade para elas. E é também de não nos isolarmos dos setores mais dinâmicos do mundo. Caso contrário, ocorrerá o que tem acontecido nesses últimos tempos: não enfrentamos as questões centrais. E nós não temos mais tempo para deixar para o futuro a resolução dos grandes "gargalos" que ainda temos como nação.

O futuro já bateu às nossas portas.

Tenho dito. Muito obrigado.